

Uma mulher “tradicionalmente moderna”: relações de gênero na trajetória de Gilda Marinho (1941-1956)

Jocelito Zalla*

Resumo: O objetivo do presente trabalho é analisar os papéis de gênero expressos tanto em textos da jornalista Gilda Marinho (1906-1984) quanto em reportagens e notas a seu respeito, no período de 1941 a 1956, vinculados principalmente na Revista do Globo (1941-1944) e no Jornal A Hora (1955-1956), examinando de que maneira ela própria se relacionou com tais papéis. A análise indica um conflito entre dois modelos (expectativas de conduta) de ser mulher presentes na sociedade da época: de um lado, uma “mulher tradicional”; de outro, uma “mulher moderna”. Gilda incorpora elementos de ambos, o que deve ser entendido dentro de um contexto de transformações culturais intensas e de choque entre novos e velhos valores e comportamentos.

Palavras-chave: gênero, biografia, representações.

Abstract: The objective of this work is in such a way to analyze the expressed papers of gender in texts of journalist Gilda Marinho (1906-1984), as well as in news articles and notes about her, in the period from 1941 to 1956, mainly published in the Magazine Globo (1941-1944) and in the journal A HORA (1955-1956), indicating how much she relates herself with this works. The analysis indicates a conflict between two different views (behaviour expectations) of being an active woman in the society. On one hand being a ‘traditional’ woman, but in the other being a ‘modern’ woman. Gilda incorporates elements of both, what has to be understood as a context of intense cultural transformations and an impact on old and new values in the society.

Key words: gender, biography, representations.

*Estamos mesmo atravessando um período da história em que as coisas mais inesperadas acontecem. Todos os dias encontramos em revistas internacionais retratos de lindas e glamorosas jovens, vestidas com requinte e originalidade, dignas de figurar num calendário de Varga. Ao ler com mais atenção a legenda da fotografia, verificamos, embasbacados, que aquela é ‘Cristine’, que ontem foi ‘George’. Na Suécia ou na Inglaterra conseguiram trocar o sexo que Deus lhe deu, por outro mais de acordo com suas preferências. Enfim, a ciência vem realizando milagres mais espantosos do que os da Bíblia...*¹

É com certa dose de espanto que a jornalista Gilda Marinho descreve, no ano de 1955, as transformações pelas quais sua época passava. Na crônica sugestivamente intitulada

* Licenciado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e aluno do último semestre do bacharelado em História também pela UFRGS. Foi bolsista de iniciação científica (BIC/UFRGS) no projeto “Gildíssima: mito, memória, gênero, militância política e alta sociedade na trajetória de Gilda Marinho”, coordenado pelo professor Benito Bisso Schmidt. E-mail: jzalla@terra.com.br.

“Tudo é possível na época em que vivemos”, publicada em sua famosa coluna “Carrossel”, Gilda estranha as inovações e fatos ocorridos - e até então inimagináveis - nos mais variados setores da sociedade. Dentre eles, nem mesmo o sexo, a mais “natural” das características dos indivíduos, resiste. Na mesma crônica, que trata de assuntos como a descoberta de petróleo em solo brasileiro e da expulsão do líder trabalhista Aneurin Bevan da bancada do PTB, Gilda ainda relata (e com confessado prazer) a viagem do austero reverendo Reginald Perry, reconhecido ministro de Deus da Igreja Congregacional de Huddersfield, no Yorkshire, a Paris, onde competiria com mais de vinte mil candidatos em um concurso internacional de tricô. O digno senhor de cabelos brancos, óculos e colarinho virado pretendia revolucionar o renomado mundo da alta costura parisiense.

Tais acontecimentos narrados revelam estranhamento e, em certos casos, um quê de satisfação frente à quebra de padrões estabelecidos na moral da sociedade do período, entre os quais, os padrões de gênero. Tomo aqui gênero como uma categoria de análise que permite desnaturalizar qualquer relação entre o comportamento humano e o sexo dos indivíduos. Se sexo remete ao biológico, gênero remete ao cultural. Homens e mulheres são condicionados por padrões de gênero, desempenhando papéis social e culturalmente construídos. Joan Scott também aponta para o aspecto relacional dos papéis de gênero: só se pode pensar em *mulheres* se elas forem concebidas em relação a *homens* e vice-versa².

Neste artigo, pretendo examinar os papéis de gênero expressos tanto em textos da jornalista Gilda Marinho quanto em reportagens e notas a seu respeito no período de 1941 a 1956, analisando de que maneira ela própria se relacionava com eles.

* * *

A discussão aqui apresentada é fruto da participação no projeto de pesquisa “Gildíssima: mito, memória, gênero, militância e alta sociedade na trajetória de Gilda Marinho”, coordenado pelo professor Benito Schmidt. Na construção de uma biografia histórica da jornalista Gilda Zamorano Marinho (1906-1984), procura-se, também, compreender alguns aspectos mais amplos de sua sociedade e época; dentre eles, as relações de gênero. A reflexão feita se insere dentro das discussões desenvolvidas ao longo do projeto, mas o presente texto é mesmo fruto de questões com as quais me deparei durante o processo de coleta de dados. O *corpus* aqui tratado parte, pois, de um critério prático. Explico: trabalhei com as crônicas escritas por Gilda Marinho nos anos de 1955 e 1956, no

jornal *A Hora*, e com textos e reportagens que ela escreveu para a *Revista do Globo* de 1941 a 1944. Utilizei também reportagens, notas e menções feitas à personagem nos mesmos veículos de comunicação. Baseio-me, então, principalmente em tais fontes.

Gilda Marinho nasceu na cidade de Pelotas no início do século XX. Em 1933, mudou-se com a família para Porto Alegre e passou a viver em um confortável apartamento no edifício do Clube do Comércio. Na capital, Gilda se envolveu com questões políticas e passou a freqüentar o meio intelectual da cidade. Figura também assídua nas atividades da alta sociedade porto-alegrense e reconhecida por sua inteligência e beleza, logo começou a colaborar com reportagens sobre moda e beleza femininas na *Revista do Globo*. Em 1941, foi contratada como tradutora de inglês e para dirigir a “Biblioteca de Assuntos Femininos”, também conhecida como “Biblioteca do Lar” – um departamento voltado para as questões femininas da Editora do Globo. Nela, Gilda comandava uma equipe de jornalistas e colaboradores, com cerca de 15 redatores, homens e mulheres. Em 1943, a seção comandada por Gilda contava com instalações próprias dentro da editora, ocupando diversas salas, inclusive uma cozinha experimental, onde todas as receitas publicadas nas edições dirigidas pela personagem eram testadas. Neste ambiente, a jornalista organizou a publicação de uma coleção voltada ao público feminino, a revista “A Mulher e o Lar” e a confecção da “Grande Enciclopédia do Lar”, tida então como uma das melhores e mais completas publicações do gênero no país.

Gilda Marinho não casou, não teve filhos, ou seja, não correspondeu totalmente ao modelo tradicional de ser mulher da sociedade de então. Em um período no qual moças com mais de 25 anos sem expectativas de casamento eram consideradas um fracasso³, Gilda subverteu essa lógica, sendo reconhecida como uma pessoa que venceu por suas qualidades próprias, uma “mulher moderna”. O fato de não seguir valores associados aos papéis de gênero femininos dominantes parece ter sido obscurecido justamente por outras características consoantes com novos valores que, pouco a pouco, foram se internalizando na classe média urbana do período e/ou valores tradicionais do padrão de ser homem que são estendidos agora também às mulheres: *inteligência e capacidade de realização profissional*. Carla Bassanezi vê esse movimento como próprio ao processo de ascensão da classe média no Brasil após os anos 40 e, principalmente na década de 50⁴. Pensando neste período, a autora mostra um processo de crescimento da participação feminina no mercado de trabalho. O terceiro setor e os serviços públicos eram os mais propensos a esta abertura e exigiram certos requisitos para a profissionalização feminina, como a demanda por maior

escolaridade⁵. Podemos encarar tal fenômeno como o recrudescimento de um movimento já encontrado em momentos anteriores.

Nesse sentido, em 1941, o então diretor da *Revista do Globo*, Justino Martins, fez uma reportagem sobre o avanço das mulheres na ocupação de cargos tradicionalmente reservados aos homens. Nela, Martins mostra como na própria Livraria do Globo esse avanço já se impunha e, para ilustrar sua posição, cita o caso de Gilda:

*Gilda Marinho, nome que não é desconhecido dos leitores desta revista, representa um caso típico dessa 'anomalia funcional'. Como colaboradora na organização da 'Enciclopédia do Lar', que a Livraria do Globo pretende editar brevemente, e como tradutora de romances (...) ela figura entre os mais altos funcionários da seção editora, com ordenado excelente. Observe-se, porém, que Gilda conhece perfeitamente nada menos que quatro idiomas, além do português!*⁶

Gilda era reconhecidamente “inteligente”, dominava cinco idiomas e possuía uma bagagem cultural digna de qualquer pessoa habilitada para uma alta função. A boa educação da personagem tanto possibilitava seu acesso a espaços tradicionalmente masculinos, como justificava e legitimava tal acesso. Em 1943, uma reportagem especial sem assinatura intitulada “Da Mulher para a Mulher” pretendia apresentar a rotina de trabalho de Gilda na Livraria do Globo às suas leitoras. Após um preâmbulo onde eram mostrados casos de mulheres que conquistaram popularidade devido à sua inteligência, como a senadora norte-americana Claire Booth, a reportagem dizia serem tais casos raros no país. Raros, mas não impossíveis. Gilda era um deles:

*O seu nome, hoje, é por demais conhecido em pelo menos três Estados sulinos do Brasil. E a sua popularidade não vem da política, nem se restringe ao mundo dos negócios. Ela não fabrica aviões, nem ocupa um alto cargo público, nem sequer sustenta um título honorífico. É, simplesmente, uma mulher moderna, cuja inteligência vem se impondo, principalmente aos olhos do público feminino, ao qual ela se dedica inteiramente, através de conferências, programas de rádio, trabalhos literários e publicações do interesse da mulher brasileira.*⁷

Gilda é apontada como uma exceção e, ao mesmo tempo, a “ponta-de-lança” de uma nova geração de mulheres que trabalham, estudam e despontam em suas atividades como normalmente somente um homem o faria; um protótipo de mulher ainda raro, mas já muito bem conhecido: a *mulher moderna*. Gilda personifica um novo padrão de ser mulher na década de quarenta. Um padrão marginal, mas que pouco a pouco tomava fôlego na classe média brasileira emergente. No entanto, os padrões dominantes continuavam a vigorar, ainda que com alguma adaptação ao momento. O modelo de mulher dona-de-casa, esposa e mãe

dedicada, a “rainha do lar”, continuava massivamente presente na vida das pessoas. De certa forma, Gilda era uma exceção que confirmava a regra; em muitos casos, como veremos, não só confirmava como corroborava e reproduzia os papéis de gênero dominantes.

Mas como Gilda acabou por incorporar o modelo dominante de ser mulher em seus textos se, em sua vida, muitas vezes os afrontava declaradamente? Mulher bonita, elegante, conhecedora da *finesse* do mundo social, inteligente e capacitada, parecia naturalmente a pessoa mais indicada para assumir uma seção de assuntos femininos em uma das maiores editoras do país. A já colaboradora eventual da *Revista do Globo*, com dicas sobre beleza e sobre o portar-se bem em sociedade⁸, acabou por incorporar e divulgar todo um conjunto de características então vinculadas à mulher da época. E dos salões de baile à copa e à cozinha o caminho foi curto. As edições publicadas pela Editora do Globo sob coordenação de Gilda eram voltadas ao cotidiano da dona-de-casa e aos problemas com que esta se deparava nos afazeres domésticos. Assim, temos volumes da coleção “A mulher e o Lar” intitulados: “Toalhas e Guardanapos de Tricô”, “Novos Modelos de Crochê”, “Roupinhas de Tricô para Crianças”, “Rendas de Crochê”, “Blusas e Vestidos de Tricô” e “O Enxoval para o meu Filhinho”, além de números voltados para as “futilidades femininas” como indicado no especial “Frivolité”, e manuais como a edição “Para o Chá e o Cocktail”. Os volumes da coleção “A Mulher e o Lar” intitulados “O Caminho da Beleza” de 1943 e “Uma Novena Para Emagrecer” de 1944, no qual Gilda apresentou um regime dietético de nove dias em que prometia a perda de até 3 a 4 quilos, causaram frisson. O sucesso de Gilda tornou-se grande e em 1943 ela foi convidada para assumir um programa na Rádio Farroupilha com o mesmo nome da Revista e passou a ser ouvida por cerca de dois milhões de pessoas nos estados do sul do país.⁹

Em 1945, Gilda Marinho deixou a *Revista do Globo*. Quase dez anos depois, em 1954, um novo empreendimento jornalístico se efetuou em Porto Alegre. Com uma proposta editorial e gráfica arrojada para a época, surgia o jornal *A Hora*, associado à cadeia de periódicos do grupo Assis Chateaubriand e vinculado ao Partido Trabalhista Brasileiro. Uma constelação de nomes conhecidos foi chamada para participar do projeto. Gilda, com alguns anos e quilos a mais, mas com a reconhecida elegância e capacidade intelectual, foi convidada a assumir a seção de colunismo social. Em fins de 1954, junto com o jornal, surgia a coluna *Carrossel*, em que a personagem tratava de assuntos variados - de política, economia, literatura a dicas para a escolha de gravatas. No ano de 1955, Gilda passou a assinar também a coluna *Vitrine*, inspirada no novo colunismo social do carioca Ibrahim

Sued. Mas era na coluna *Carrossel* que Gilda expunha suas opiniões sobre os assuntos do momento e respondia a questionamentos de leitores. Combativa, defendeu apaixonadamente diversos ideais, entre eles, os direitos e as conquistas das mulheres. Em outros momentos, porém, exprimiu valores tradicionais relativos ao comportamento feminino.

Gilda continuou propagando modelos de ser mulher tradicionais e incitou moças e senhoras a enfatizar valores e qualidades tidos como essencialmente femininos: beleza, compreensão (para com os maridos, principalmente), dedicação ao lar e à família. Deu conselhos de como manter um casamento feliz e orientações à mulher sobre seu papel na elegância do marido. Cabia à mulher o sucesso no casamento, segundo ela, e esse era um papel do qual não se deveria abrir mão. Chegou a recomendar que as mulheres acordassem mais cedo para que desse tempo de se arrumar, perfumar e higienizar-se devidamente antes do despertar do marido. Isso evitaria a ele a desagradável cena de ver a mulher desarrumada e retardaria o conseqüente desgaste da vida comum. Em vários momentos, Gilda se tornava mais “moderna” e reivindicava à esposa os mesmos direitos do marido. Saudou a conquista feminina de poder desfrutar de uma vida noturna, o que considerava reflexo do contato com o cotidiano dos grandes centros, e intimidava: “Não é mais lógico que uma vez casado, um homem que compartilha com a esposa das responsabilidades do lar, também reparta com ela seus momentos de distração? Não será esse o companheirismo mais próprio a um perfeito entendimento entre dois cônjuges?”¹⁰ Em seus escritos, no entanto, o marido permanece elemento indispensável frente à mulher. A relação de subordinação da esposa continuava presente no texto de Gilda.

Sintomático é o artigo em que Gilda afirma não haver motivos pelo alarde feito por parte das mulheres a respeito de sua condição na sociedade. Ela escreve, em 1955, que as mulheres gozavam de muitas liberdades não possuídas outrora e afirmou que o Brasil estaria mais adiantado nesse aspecto em relação a países desenvolvidos. Diz Gilda:

*Disputamos com os homens o direito de ganhar a vida e muitas vezes levamos vantagem na luta para conseguir empregos bem remunerados. Todas as carreiras nos foram abertas e ninguém se admira em encontrar mulheres em qualquer ramo de atividade humana. Já fazemos até a guerra!*¹¹.

O alerta que Gilda implicitamente parecia dar era contra uma masculinização das mulheres. Estas já teriam avançado o suficiente em suas reivindicações, já teriam executado todas as funções realizadas pelo homem na sociedade. Que parassem por aí. O que Gilda provavelmente queria dizer era: façam a guerra, mas não deixem de ser femininas! A

preocupação com a feminilidade foi recorrente em suas crônicas. Ser feminina significava ser *delicada*, se não necessariamente bela, ao menos vaidosa. A vaidade aparecia como uma característica forte de sua personalidade. Mais do que uma mulher bonita, Gilda era apontada pela elegância e, também, pela exuberância. Ela não só salientava a importância de cuidar da aparência, como demonstrava que seguia fielmente as regras recomendadas. Em certos casos, ao extremo, como no confessado gosto pelo uso exagerado de perfume: “Confesso mesmo, que quando saio sem perfumar-me profusamente (...) parece-me que falta alguma peça de roupa indispensável ao decoro da aparência”.¹² Em outro momento, ao defender o uso das calças slak pela mulher, Gilda argumenta que a calça, por si só, não afeta a sensualidade feminina:

*Quando a mulher veste calça comprida, ainda que tenha cabelos cortados a homem, ainda assim encontra meios de enfeitar-se com brincos, de adotar uma blusa de colorido vibrante, de acentuar a maquilagem, de modo a que nenhum homem ‘de verdade’ possa confundi-la com algum colega.*¹³

O esposo aparecia nos textos de Gilda como uma figura dependente, em certa medida, de sua mulher. Cabia à ela a responsabilidade pela sua apresentação no espaço público, por exemplo. Em certo momento, Gilda deu conselhos às leitoras sobre a escolha da gravata do marido.¹⁴ Em outro, falou da importância da mulher na elegância daquele (ou na falta dela), dando orientações às esposas sobre tipos de roupas e tecidos masculinos.¹⁵ Mas essa responsabilidade da esposa se estendia por toda a relação, dando dicas de como se portar elegantemente no cotidiano doméstico, como visto anteriormente.

Os mesmos cuidados, no entanto, não foram recomendados ao homem. Na relação descrita por Gilda, este gozava de uma certa liberdade ou de uma flexibilidade nos laços de compromisso que detinha com a parceira, como veremos, não somente no tocante ao visual. Diz a jornalista em texto no qual responde à carta de uma leitora pedindo conselhos sobre seu casamento: “A vida em comum de duas criaturas exige um sem número de pequenas concessões de parte à parte, e nessa permuta, não esqueça, que devido a nossos hábitos, nossa educação e muitos preconceitos que têm a força de uma lei, à mulher cabe justamente maior dose de abnegação”.¹⁶ Apesar de salientar o caráter cultural dessa relação de força entre homem e mulher e, mesmo, de apontar que sua raiz está ancorada em preconceitos, o homem, para Gilda, ocupava ainda uma posição, digamos, no mínimo mais autônoma dentro do matrimônio. De outro lado, mesmo que levemente, e talvez com uma pequena pitada de

ironia, ela mostrou que essa relação não tinha nada de natural. Em texto onde Gilda trata do que identifica como uma verdadeira “revolução de costumes” na cidade, pois a troca da noite pelo dia estava deixando de ser extremamente mal vista como outrora, a jornalista abre mais uma concessão ao marido: tentava mostrar que quando os homens voltavam tarde para casa, não se tratava necessariamente de infidelidade: “... não sei de onde algumas pessoas vão buscar a estranha noção de que certas coisas só podem ser praticadas à noite”. Recomendava, então, às mulheres, compreensão e tolerância para conseguir a “paz doméstica”.¹⁷

Em outra crônica, Gilda saía em defesa de Porto Alegre frente às reclamações sobre o seu suposto provincianismo e pedia aos homens que se liberassem de seus preconceitos acerca da freqüência às novas casas noturnas que abriam na cidade e proferia: “Nestas, não lhes assiste o direito de indagar a ficha moral de uma mulher que esteja na mesa vizinha, sempre que se comporte bem e esteja devidamente acompanhada por um cavalheiro”.¹⁸ Apesar da reivindicação, é gritante a importância dada por Gilda ao homem como “guardião” da mulher na asserção da necessidade de um braço masculino para que esta fosse respeitada na noite porto-alegrense. Ainda assim, a jornalista joga com os padrões de moral da época, abrindo brechas no *status quo* para novas possibilidades de sociabilidade feminina.

Vimos que o cuidado estético por parte do marido não era essencial para Gilda, ou, pelo menos, não havia em seus textos a mesma cobrança dispensada à mulher quanto ao assunto. Mas Gilda também via com muito bons olhos aqueles que se ocuparam com a beleza. Neste sentido, defendeu os homens que se preocupavam com os “requintes da indumentária”. Segundo ela, homens de todas as épocas e lugares sempre se interessaram pela aparência, como Petrônio, Francisco I, D’Artagnan, etc... Dizia que isso em nada afetava a sua virilidade: “a questão é puramente econômica e cultural”. Sua explicação para a falta de vaidade masculina é de ordem social: “com a proletarização das classes intermediárias perdeu-se as prerrogativas que distinguiram as sociedades elevadas”. Para ela, aquele que possui condições de cuidar da aparência não deve ser digno de críticas.¹⁹ Oito meses depois, Gilda apresentava os dez rapazes mais bem vestidos da cidade.²⁰ Dizia ser importante “gostar de roupas boas e bem trabalhadas”, tanto para a mulher quanto para o homem, e retomava os mesmos exemplos históricos para mostrar que “...homens de grande valor intelectual e moral não descuidaram na indumentária. A história está cheia de exemplos que provam à sociedade que vestir mal, ou sem capricho, não importa absolutamente em maior virtude de caráter”. Vaidade, então, não era para Gilda questão de moral ou juízo de valor,

mas simplesmente de bom gosto. Mais importante era desfazer a ligação entre estética e falta de virilidade.

Expressiva é a opinião de Gilda sobre os casamentos interclassistas. Ao responder ao questionamento de uma leitora sobre o porquê da existência de casamentos entre pessoas de classes diferentes, acreditava que existam duas possíveis explicações. A primeira, de ordem econômica, se referia ao fato de que os rapazes de classe média (educados e habituados a viver sem dificuldades), teriam dificuldades para iniciar uma carreira, evitando trabalhos proletários (que seriam geralmente melhor remunerados); os jovens de “classes inferiores”, que exercem tais profissões, buscavam ascender a “escala social” e casavam-se com moças de “classes mais requintadas”. Depois do casamento, estes esqueciam suas promessas de estudar e polir suas maneiras. A segunda explicação era de ordem psicológica²¹: os jovens de classe média seriam o que Gilda considerava “geração perdida”: “Encantados com o falso brilho de uma civilização decadente, procuram imitar os ‘play-boys’ internacionais, vivendo entre champanhotas e farras...” Eles acabavam, segundo Gilda, por perder também a masculinidade que as moças encontrariam nos rapazes de “nível inferior”. Gilda conclui que tais uniões estariam fadadas ao fracasso.²² Mais uma vez, a masculinidade, ligada à *força*, e, assim, como uma antítese de fraqueza, delicadeza, de feminilidade, é realçada por Gilda na condenação dos jovens da classe média que se desfaziam dela. Pierre Bourdieu afirma que “A exaltação dos valores masculinos tem sua contrapartida tenebrosa nos medos e nas angústias que a feminilidade suscita...”²³ O autor salienta o caráter relacional da noção de virilidade, construída diante dos outros homens, para outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino.²⁴

Os homens de Gilda podem ser bonitos, elegantes e bem vestidos, mas não são frágeis. A valorização da masculinidade é comum em seus textos. Vaidade sim, mas delicadeza não. Esta está reservada às mulheres. Ter bom gosto não é visto como problema para a jornalista, mas na maioria das vezes, por trás de um homem refinado se encontra uma mulher elegante. Talvez esta seja a lógica que sustente sua equação. Os homens de Gilda são dependentes de uma boa esposa. O discurso da jornalista é constantemente permeado por uma tensão entre padrões morais de comportamento masculino e feminino e o que Daniel James denomina “elementos não-convencionais”²⁵. Um vai-e-vem onde mesmo quando o marido é o senhor, tem determinados deveres para com a esposa; onde não esquece que ser homem é ser viril, mas concilia vaidade com virilidade.

As ambigüidades manifestadas por Gilda são elementos-chave que permitem identificar um conflito mais geral entre dois modelos de ser mulher presentes em sua sociedade. De um lado, a mulher *tradicional, feminina, delicada e vaidosa, mãe e esposa devotada e submissa*; de outro, a mulher *moderna, forte, independente, culta e preparada profissionalmente*. Gilda era as duas. Tentava ser uma, sem deixar de ser a outra. No final dos anos 30 e início dos anos 40, ela despontava como uma ilustre “senhorinha”, oriunda de uma respeitada família pelotense. A influência de seu pai, e mais tarde do irmão – Gilberto Marinho tornar-se-ia senador da República – podem ter permitido a Gilda uma certa liberdade não compartilhada por outras moças de famílias menos influentes ou abastadas. Sua família não era rica, mas o ofício de advogado do pai e a herança da família da mãe devem ter garantido a Gilda, pelo menos por um certo tempo, uma vida sossegada e em conformidade com os padrões da alta sociedade porto-alegrense. Essa posição, somada à sua reconhecida capacidade intelectual, legitimava o lugar por ela assumido na sociedade de então. Mais tarde, a própria influência de Gilda nessa sociedade pode ter sido garantida, ou mesmo consolidada, pela sua posição de destaque como colunista social. De fato, o não enquadramento da personagem nos padrões de gênero dominantes não foi determinante a ponto de se tornar fator de exclusão. Não que não tenha sofrido preconceitos. As constantes queixas em sua coluna Carrossel contra as “línguas ferinas”, capazes de “destruir reputações” e “perturbar a paz dos lares”²⁶ dizem mesmo o contrário. No entanto, a mulher solteira, sem filhos, sem marido, mas não sem amores e romances, ditou regras e comportamentos para uma boa mãe, esposa e dona-de-casa.

As aparentes contradições expressadas por Gilda não podem ser entendidas senão pela própria liberdade com que vivenciou os modelos de gênero vigentes. Se Gilda pôde ser identificada por seus contemporâneos como uma mulher à frente de seu tempo, muito se deveu à maneira como, em sua vida, reagiu e, muitas vezes, transgrediu tais padrões. Tratando de histórias institucionais, Daniel James aponta para o caráter limitante dessas narrativas devido à dissonância entre os parâmetros encontrados em tais histórias e suas figuras representativas e, assim, nos chama a atenção para “o significado e a riqueza da vida de um indivíduo que rompe com os parâmetros e viola os estereótipos”.²⁷ Era a mulher de vida social intensa que recomendava ao marido os passeios com a esposa no período da noite. Era a mulher de vida noturna que defendia as saídas do marido. Era a mulher vaidosa e exuberante que não via problemas em um homem com boa aparência. Era a mulher educada e culta que compreendia que as relações entre homens e mulheres não tinham nada de

naturais. Gilda, então, reelaborou constantemente os códigos de gênero, lhes imprimiu subjetividade e jogou com as expectativas de sua época, das quais também participava.

A identificação com o padrão tradicional de ser mulher, porém, não afetou sua imagem de “mulher moderna”. Ela foi representada como uma mulher *versátil* e associada às conquistas e reivindicações de liberdade feminina. A própria Gilda, mesmo raramente fazendo referências à sua vida íntima, demonstrou simpatia com as rupturas de padrões e com os avanços femininos em seus textos, ainda que não sem ressalvas. A maleabilidade com que ela transitava entre um modelo tradicional dominante e um modelo emergente de ser mulher só poderia ser típico de alguém que viveu em um período de transformações culturais intensas e de choque entre novos e velhos valores. Só alguém que tivesse um pé em cada modelo poderia representar o novo e o velho tão bem no texto e na vida. Como diria Robert Darnton, Gilda estava imersa em sua cultura, da qual “*retirava suas noções de significado tão naturalmente quanto inspirava o ar da atmosfera*”²⁸. Não que não tenha respondido criativamente às possibilidades que se lhe apresentavam (e quão criativa foi Gilda Marinho!). Mas, como ela própria afirmou, cada geração tem razão em pensar que as mulheres de seu tempo são diferentes das de outros, pois estas, “*como seres humanos, terão as virtudes e os defeitos da sua época, o que as torna mais reais e mais tocantes, na sua vulnerabilidade psicológica.*”²⁹

NOTAS

¹ MARINHO, Gilda. Tudo é possível na época em que vivemos. *A Hora*. Porto Alegre, 25/03/1955, p. 12.

² SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2002, p. 86.

³ BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997, p. 618.

⁴ Ibidem, p. 608.

⁵ Ibidem, p. 624.

⁶ MARTINS, Justino. Precisa-se de uma senhora ou senhorita. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 06/12/1941, p. 21.

⁷ Da Mulher para Mulher. *Revista do Globo*. Porto Alegre, 14/08/1943.

⁸ O dado a respeito da colaboração de Gilda Marinho na *Revista do Globo* após 1937 foi retirado da biografia da personagem escrita por Juarez Porto. Em nossas pesquisas, não encontramos nenhuma matéria assinada por Gilda neste período, mas é justamente a partir desse ano que surgem esporadicamente na revista reportagens sobre moda e beleza feminina. É também a partir de 1937 que Gilda passa a figurar nas fotos de festas e eventos realizados na sociedade porto-alegrense.

⁹ Todos os dados são retirados da reportagem “Da Mulher para a Mulher”, já citada.

¹⁰ Marinho, Gilda. O surto da vida noturna em Porto Alegre. *A Hora*, 14/06/1955.

¹¹ MARINHO, Gilda. A vara de marmelo e a evolução feminina. *A Hora*. Porto Alegre, 27/04/1955, p. 9.

¹² Idem. *Vitrine*. *A Hora*. Porto Alegre, 09/05/1955, p. 10.

¹³ MARINHO, Gilda. Da feminilidade. *A Hora*. Porto Alegre, 27/08/1955, p. 5.

¹⁴ Idem. A gravata dele. *A Hora*. Porto Alegre, 24/03/1955, p. 12.

-
- ¹⁵ Idem. A mulher como fator da elegância do marido. *A Hora*. Porto Alegre, 14/04/1955, p. 12.
- ¹⁶ Idem. Casamento não é piquenique. *A Hora*. Porto Alegre, 16/03/1955, p. 12.
- ¹⁷ Idem. Quem vê hora, não vê coração. *A Hora*. Porto Alegre, 15/03/1955, p. 12.
- ¹⁸ Idem.. Porto Alegre e a vida noturna. *A Hora*. Porto Alegre, 06/04/1955, p. 12.
- ¹⁹ Idem. Petrônio, D'Artagnan e Rubirosa. *A Hora*. Porto Alegre, 17/04/1955, p. 13.
- ²⁰ Eram eles: Hélio Leão, Breno Caldas, Eduardo Secco, Virgílio Cortese, Fernando Kroepf, Bello Ferreira Filho, Fernando Cavalcanti, General Edgar Amaral, José Chaves Barcellos e Abelard Jacques Noronha. Idem. Os dez rapazes mais bem vestidos do ano. *A Hora*. Porto Alegre, 01/01/1956, p. 17.
- ²¹ Idem. Casamentos desiguais. *A Hora*. Porto Alegre, 05/04/1955, p. 12.
- ²² Ibidem
- ²³ BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 64.
- ²⁴ Idem, p. 67.
- ²⁵ JAMES, Daniel. Contos narrados nas fronteiras: A história de *Doña Maria*, história oral e questões de gênero. In.: BATALHA, Cláudio et al. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004, p. 296.
- ²⁶ Idem. O que a água não lava... *A Hora*. Porto Alegre, 03/03/1955, p. 12.
- ²⁷ JAMES, Daniel. Op. cit., p. 306.
- ²⁸ DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 2002, p. 133.
- ²⁹ MARINHO, Gilda. A ilusão de todas as gerações. *A Hora*. Porto Alegre, 31/05/1955, p. 9.
-

Referências Bibliográficas

- BASSANEZZI, Carla. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORI, Maria (org.). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DARNTON, Robert. O grande massacre dos gatos e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Graal, 2002.
- JAMES, Daniel. Contos narrados nas fronteiras: A história de *Doña Maria*, história oral e questões de gênero. In.: BATALHA, Cláudio et al. *Culturas de Classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Editora UNICAMP, 2004.
- SCOTT, Joan. História das Mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: UNESP, 2002.